

O ramadã e suas implicações ritualísticas a partir da antropologia da religião¹

Diógenes Braga Ramos (UFMS/MS)

Palavras-chave: Rito, Ramadã, Muçulmanos.

Introdução

A proposta desse artigo se dá em observar o rito do Ramadã, a partir do referencial da Antropologia da Religião, analisando a mesquita Luz da Fé localizada na cidade de Campo Grande-MS. Esta escolha se dá por conta da pesquisa de mestrado que estou realizando no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMS.

Para isso, farei inicialmente a contextualização histórica da mesquita Luz da Fé e em seguida utilizando observação participante buscarei entender como os membros da mesquita que participam das reuniões religiosas que ocorrem nas sextas-feiras conversado com os muçulmanos membros e participantes, como também com o Sheik da comunidade para entender como essas pessoas vivenciam e entendem através da sua fé o rito do Ramadan.

Chamo atenção que uma das dificuldades de participar das atividades religiosas e sociais com os membros da mesquita se dão por que não falo árabe e o centro da fé dos muçulmanos se constrói na língua árabe, inclusive o Sheik designado pela mesquita é egípcio e não fala português.

Uma das problemáticas que norteiam a pesquisa é identificar qual o papel do rito do Ramadan para esses muçulmanos, sendo que estão distantes da vivência religiosa como em países árabes muçulmanos que socialmente tem um papel diferenciado no período citado, sendo que esses agentes religiosos são influenciados por outras questões culturais no Brasil.

Desta forma uma das hipóteses que se estabelecem é de que o rito do Ramadan tem um papel histórico estabelecido por uma memória religiosa que forma uma identidade religiosa do agente religioso o ligando ao Islam mesmo que com bricolagem das práticas do pilar da fé estipulado pelo regime religioso.

¹ “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.”

I. Histórico da Mesquita Luz da Fé

Vou partir do pressuposto histórico da criação da mesquita em Campo Grande, levando-se em consideração que existem vários materiais que narram a perspectiva histórica dos muçulmanos no Brasil.

Mas é importante entender como a cidade de Campo Grande se organiza para entendermos algumas nuances da própria estruturação da mesquita. Segundo Jaqueline Zarbato, “Campo Grande é a capital de Mato Grosso do Sul, o qual teve sua emancipação de Mato Grosso em 1977. Entretanto, a narrativa sobre a cidade podem ser apresentadas desde o século XIX, em que as migrações e povoamento foram sendo estabelecidos no centro oeste do Brasil.” (2020, Relatório de Pós-doutorado em História, Unicamp. Livro no Prelo)

Como observamos a cidade de Campo Grande é organizada por migrantes de todas as origens, inclusive por sírios, libaneses e palestinos, que eram catalogados como turcos, e com isso, se generalizava a maneira de chama-los e identifica-los. E de alguma forma se negava a identidade religiosa destas pessoas, mesmo que a maioria dos árabes descritos que vieram para Campo Grande fossem de tradição cristã, tanto que existe uma igreja Sirian Ortodoxa São Jorge.

Especificamente vou descrever como surgiu a mesquita a partir de alguns interlocutores que auxiliaram a construir uma historicidade êmica desse evento, pois poucas fontes históricas são disponíveis desse registro.

Segundo o blog Islam Brasil², temos uma descrição sobre a organização da mesquita de Campo Grande;

Os imigrantes árabes das décadas de 70 e 80 eram principalmente sírios e libaneses, sendo a maior parte dos sírios cristãos, e um bom número de libaneses muçulmanos. No final da década de 1980 é fundada a entidade que cuidava dos muçulmanos na cidade, e chamaram o arquiteto de origem árabe Jorge Hadi para desenhar a mesquita, no qual foi baseada em mesquitas tradicionais islâmicas, sem seguir um modelo arquitetônico claro de alguma mesquita do mundo. Tão logo a Mesquita de Campo Grande começaria a ser construída. A **Mesquita Luz da Fé**, como foi nomeada, foi fundada no ano de 1990, e desde aquele momento já atraiu cada vez mais muçulmanos para o local e os olhares da comunidade da cidade. (In:

² Coloco esse Blog pois, é a única fonte que existe na internet que consta esses dados, sendo que os dados conferem com a descrição dos meus interlocutores entrevistados da mesquita, inclusive o Sheik que foi fundador da mesquita, conforme descrevo ao longo do artigo.

<http://islamismobr.blogspot.com/2014/01/a-mesquita-de-campo-grande-ms.html>,). Acesso em: 02-09-2020.

Ao longo da análise, dialoguei com pessoas que fazem parte da criação da mesquita. Conversando com um dos agentes que participou da criação da mesquita, Sheik Abdala Dakur que hoje mora no Líbano, me informou que ele foi o primeiro Sheik da mesquita e junto com outros articuladores da cidade entre elas o Sr. Mohamed Salem e seu filho Dr. Jamal Mohamed Salem juntamente com o Dr. Mahfuz Kadri a mesquita foi construída.

Sobre a instalação da mesquita, o Sheik Dakur informou que veio a Campo Grande em março de 1980, fazer uma visita a seu tio que possuía um comércio na cidade, sendo que já morava em São Paulo, capital e tinha um negócio em SP e atuava como Sheik. Ainda em 1980, mudou-se para Campo Grande, montando um negócio e assim, começou a articular com outros muçulmanos já residentes na cidade a possibilidade de começarem a se reunir, haja visto que não existia nenhuma organização muçulmana formal ou informal na cidade.

A princípio o Sheik Abdala Dakur começou a reunir as pessoas em sua casa por 11 meses e em seguida quando tinham um grupo significativo de pessoas alugaram uma sala na rua 14 de Julho e assim, foi organizada a Sociedade Beneficente Islâmica de Campo Grande – Luz da Fé.

Após a organização do grupo na sala da rua 14 de julho, começaram as articulações para que se pudessem comprar um terreno e construir a mesquita. Para a compra do terreno e para a construção da mesquita o grupo conseguiu ajuda da Liga Islâmica Mundial, da Comunidade muçulmana de SP e RJ, uma ajuda do governo da Arábia Saudita e a colaboração dos muçulmanos residentes em Campo Grande que participavam do grupo organizado.

Em, 1984 foi feita a primeira oração na mesquita provisória e em 1997, o Dr. Mahfuz Kadri, foi o presidente da Associação Beneficente Islâmica de Campo Grande desde sua criação sendo presidente durante três mandatos consecutivos. Em 1994 a mesquita iniciou suas atividades com toda a obra construída, tendo o Sheik Dakur ainda na condução espiritual da mesquita, tendo ficado até o ano de 1998.

A mesquita no período inicial possuía segundo o Sheik Dakur em torno de 85% dos membros de tradição sunita e uma pequena parte de arabitas, As maiores dificuldades desse período inicial era reorganizar os muçulmanos na mesquita pois, como ficaram dispersos por anos era necessário reforçar a identidade teológica e de fé do grupo que iniciava.

II. Identificando rito a partir da antropologia

Neste momento a intenção para nos aproximar do rito a partir da antropologia da religião não nos fará pensar em definir religião ao longo do trabalho pois existem várias controvérsias teóricas e metodológicas com relação as possibilidades de uma busca em definir o termo, além disso o Islam parte do pressuposto que é a única religião verdadeira, pois é a única a partir da própria designação do termo, que ressalta que o homem deve se submeter a vontade de Deus.

De forma clássica se formos traçar alguns perfis antropológicos deveria começar a discutir rito a partir de Van Gennep, que é utilizado por Turner em suas análises sobre rito na perspectiva de defini-lo que em poucas palavras diz que o rito;

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. (TURNER, 1974, p.117.)

Para Turner o rito transcende o espaço e o tempo desafiando os participantes daquele momento estão fora das suas vidas no que diz respeito do aspecto do seu dia a dia. E o que para nós é importante observar em Turner é que a partir desse estado de locus religioso estabelecido pelo rito as pessoas deixam suas todas as suas atividades sociais para se integrarem unicamente ao momento único em que se estabelece o rito. E isso, pode ser notado no momento do Eid (cerimônia da quebra do jejum do Ramadan).

Pensando ainda em formas de entender o rito na antropologia e conectá-lo ao Islam, uma coisa que chama atenção é de que durante o Ramadan o ato de se abster da alimentação durante o dia, de fazer as cinco orações diárias o indivíduo reforça sua identidade religiosa e sua conexão com o sagrado, porque, “o rito é contínuo por um efeito de <<fragmentação>> do sentido em pequenas unidades através do cuidado com o pormenor e a repetição litúrgica, reconstitui a sua coerência global”. (OBADIA, 2011, p. 104.)

O que chama atenção no ritual é de que o mesmo é estabelecido por um comportamento ritual, que posteriormente vai auxiliar o indivíduo religioso não apenas na sua relação com os agentes que interage na sua fé no cotidiano religioso, mas a partir do processo de comunicação que o ritual faz na vida desse agente que é importante para entendermos como a identidade de fé se perpetua na vida religiosa do agente.

Podemos imaginar a ritualização como processo pelo qual ocorre uma rígida padronização ou estereotipação do comportamento e enfatizar suas consequências comunicativas e interativas especiais. O comportamento altamente estilizado e tipicamente não instrumental de um indivíduo não só se comunica com o outro ou os outros, mas também comunica que está se comunicando. Ou seja, não parte do que a ritualização em geral faz é não só estabelecer comunicação entre os participantes, mas também comunicação a respeito deles; ela é um comentário sobre a relação. (ELLER, 2018, p. 177.)

Quando observo o rito como algo concernente ao grupo que participa do evento religioso no caso do Ramadan penso que o rito não pode ser desassociado da memória e da identidade desse grupo, pois me parece que pela memória se fortalece a identidade dos grupo religioso através da prática do Ramadan, fazendo com que o que lhes foi ensinado sobre o Ramadan e o que está sendo ensinado com a prática anual faz com que esses agentes religiosos permaneçam com sua fé mesmo que a reinterpretando ou a resignificando de alguma forma.

Talvez um dos elementos que deixam o muçulmano mais livre na prática dos seus ritos pois, o agente pertencente a uma comunidade muçulmana não necessita responder a processos de coerção religioso que acontecem em outros sistemas religiosos, que

inclusive cobram continuamente que o indivíduo participe da comunidade intensamente e de todas as cerimônias ou atos religiosos.

No caso de se ter sempre em vista que não há uma autoridade institucional para controlar que todos sigam os ritos e as normas estabelecidas para o jejum, dado que a única autoridade social é a própria sociedade, o consenso espontâneo que a maioria dos membros de uma sociedade, o consenso espontâneo que a maioria dos membros de uma sociedade dá a essa prática obrigatória (abstenção de comida e bebida bem como das relações sexuais durante o dia inteiro, e por um mês inteiro), não é difícil compreender quanta importância em nível sociológico reveste a análise dos comportamentos coletivos que se põem em ato no mês sagrado do Ramadã. (PACE, 2005, p.133-134.)

A partir dessa relação mais flexível do agente religioso frente a sua comunidade de fé no Islam, percebe-se que a manutenção dos ritos se dá como mencionado anteriormente a partir do estabelecimento da identidade de fé e do pertencimento daquele indivíduo fortalecida pela sua memória dos ritos do qual ele participa diante apenas do sagrado.

Ou seja, o rito se estabelece pela relação da tradição da identidade e da memória que é estabelecida no passado e que se reforça no sacrifício do jejum da abstenção dos alimentos na busca de se estabelecer uma experiência de unidade com o sagrado, mas, sobretudo na perspectiva de unidade com outras pessoas que ao longo do mundo por conta da sua fé praticam tal ato de forma transacional.

III. Entrelaçando dados hermenêutico da prática do Ramadan

Para entendermos o significado do Ramadan é preciso entender que esse rito compõe um dos pilares do Islam. Diante disso, “numa perspectiva sociológica, como uma complexa e vigorosa organização da religiosidade, de uma disciplina de massa à qual o indivíduo crente se submete de bom grado, na convicção de cumprir os deveres sagrados prescritos para agradar a Deus”. (Ibidem, 2005, p.119.) Desta forma a participação do jejum é um elemento fundamental para a vida do muçulmano a partir da sua legitimidade com Deus.

A partir das primeiras incursões na mesquita em Campo Grande de algumas entrevistas com meus interlocutores sobre o Ramadan e de participar do evento religioso que quebra o jejum na mesquita neste ano é importante entender qual a dinâmica dos muçulmanos de Campo Grande diante desse evento importante para a comunidade muçulmana mundial, lembrando que o evento do Ramadan é um evento que acontece em rede em todo o mundo do Islam.

Faço o comentário anterior pois,

mesmo um olhar superficial não pode deixar de perceber a enorme diversidade histórica, cultural e política do mundo muçulmano. Para além das divisões sectárias entre sunitas (cerca de 85% dos muçulmanos) e xiitas (15%) existe uma enorme diversidade nas formas de se interpretar, praticar e vivenciar o islã que existe nos diferentes grupos sociais e tradições culturais que compõem o mundo muçulmano. (PINTO, 2010, p.23.)

Por isso, é importante fazer essa observação do Islam não de forma generalizada e colocar todos os grupos de muçulmanos e suas atitudes dentro de um mesmo contexto, pois algumas situações e práticas religiosas são de grupos muito pequenos que não representam a maioria da fé muçulmana e suas atitudes.

Confesso que fiquei surpreso pois, assim, como o Ramadan e outras obrigações religiosas os muçulmanos eram extremamente retos no cumprimento do que é determinado e pude verificar isso, conversando com alguns Sheiks ou vendo filmes que descrevem a vida dos muçulmanos, mas nunca tendo a chance que tive de ter esse tipo de conversa.

Pois como podemos notar a vida do muçulmano é pauta em regras muito bem estipuladas;

juntamente com a figura do Profeta e o Alcorão, os chamados 5 pilares (khams al-arkan) formam os elementos constitutivos daquilo que a maior parte dos muçulmanos reconhece como a tradição central no islã. São eles: a profissão de fé (shahada), as cinco orações diárias (salat), a doação de um dízimo para a comunidade (zakat), o jejum no mês

sagrado do Ramadã (sawn) e a peregrinação a Meca (haji). (Ibidem, 2010, p.53.)

Contudo João um dos meus interlocutores (identidade preservada) ao contar sua experiência diante do jejum me chama atenção de que a sua relação com Allah é particular e que ele deve prestar contas apenas a Allah e por conta disso, entende a necessidade do Ramadan e por isso, segundo João existe uma forma de compensação para que não fique em débito com o sagrado.

Segundo João, ele ou qualquer pessoa que não possa participar do Ramadan conforme orientações que recebeu na mesquita e de seus líderes religiosos, podem escolher uma pessoa carente que não tem condições de se alimentar e pagar a essa pessoa ou a outras que passam por essa situação alimentação, como forma de compensação por conta de não ter feito o Ramadan. E o interessante é que os meus outros interlocutores da mesquita também descreveram esse fato, me fazendo repensar as rigorosidades que eu havia imposto para o Islam.

Considerações Finais

Observando a mesquita em Campo Grande e as estruturas de fé dos muçulmanos que participam das atividades religiosas em especial do Ramadan algumas considerações podem nos desafiar a continuar nossos estudos sobre o Islam.

Uma questão que me chama atenção é de que o Islam não pode ser entendido como um sistema fechado e rígido na questão de suas praticidades até porque é uma religião transnacional que se espalhou pelo mundo e se incorporou nas sociedades e culturas locais que se estabeleceram.

Adaptações das práticas religiosas têm sido feitas, como mudanças de horário e local das orações, sermões proferidos em português ou com tradução simultânea, como é o caso da Liga da Juventude Islâmica

Beneficente do Brasil. Na comunidade de Juiz de Fora, até o zakat, um dos preceitos religiosos, foi substituído por dois quilos e meio de alimentos, por pessoa da família, que são destinados aos convertidos com renda inferior à dos libaneses. Até mesmo na mesquita de Curitiba, os sunitas e xiitas se misturam, durante as orações, quebrando a regra de que um xiita não pode rezar atrás de um não-xiita e o adhan (chamado da oração) não inclui um trecho usado somente pelos xiitas. (MARQUES, 2008, p.12.)

Contudo o que estabelece a relação na mesquita entre o Ramadan e seus membros no meu ponto de vista como elo norteador na mesquita de Campo Grande é a relação entre a memória estabelecida pelo Ramadan na comunidade e os seus membros. Pois, a partir da memória e a execução do Rito mesmo que de forma diversa e, que apenas algumas pessoas vão na mesquita principalmente em alguns eventos específicos, o rito do Ramadan estabelece essa unidade entre os membros através da memorização e a história do rito construída na memória de cada participante.

Referência Bibliográfica

Blog Islam Brasil. (In: <http://islamismobr.blogspot.com/2014/01/a-mesquita-de-campo-grande-ms.html>), Acesso em: 02-09-2020.

ELLER, Jack David. Introdução à antropologia da religião. Petrópolis, Vozes, 2018.

OBADIA, Lionel. Antropologia das religiões. Edições 70, 2011.

MARQUES, Maia Lúcia Vera. O Islã no Brasil: Um estudo comparado. Fórum de Pesquisa: O Islã na contemporaneidade: Perspectivas Identitárias/Alteridades, migratórias e percepções do sensível. 26ª. RBA, JUNHO, 2008.

PACE, Enzo. Sociologia do Islã: fenômeno religiosos e lógicas sociais. Petrópolis, Vozes, 2005.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica, Aparecida, Editora Santuário, 2010.

TURNER, Victor. O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo, Vozes, 1974.

ZARBATO, Ap. Martins Jaqueline. 2020, Relatório de Pós doutorado em História, Unicamp. Livro no Prelo.